

mercado

PAINEL S.A. | Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Figurinha carimbada

A Coalizão Indústria, que reúne os representantes de 14 setores e fazia encontros mensais ou até quinzenais com Paulo Guedes, se reuniu pela primeira vez com o ministro Fernando Haddad, nesta sexta (17). Ficou a expectativa de que os encontros periódicos serão mantidos pelo petista. O grupo, formado por entidades como Abiplast, Abimaq, Aço Brasil, Eletros e Abrinq, levou a Haddad uma previsão de investimentos de R\$ 459 bilhões pelos setores da Coalizão até 2026.

AGENDA No encontro, o grupo apresentou sua pauta com temas prioritários, como custo Brasil, reforma tributária e clima, segundo participantes.

FRONTEIRA Nas reivindicações para o comércio exterior, citaram dificuldade de financiamento e seguro de crédito para exportação. Também foi levada pelo grupo a questão do aumento do tempo de recolhimento de impostos.

ENGARRAFAMENTO O ministro Renan Filho (Transportes) levou ao presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, a preocupação que circula no setor nas últimas semanas: o receio de faltar asfalto para investimentos em obras rodoviárias.

NA PISTA Em reunião nesta quinta (16), segundo a Petrobras, o presidente da estatal disse ao ministro que os pedidos de asfalto têm sido atendidos e que a empresa está preparada para suprir a necessidade. A ideia é criar um grupo de trabalho para mapear a demanda pelo produto.

EM FAMÍLIA O parentesco entre o diretor da Anvisa Daniel Meirelles e seu irmão, Thiago Meirelles, que assumiu o comando da Pró-Genéricos (entidade da indústria de genéricos) neste ano, entrou na discussão sobre a autonomia das agências reguladoras.

EFEITO COLATERAL Depois que 30 associações privadas do setor de saúde, incluindo a Pró-Genéricos, lançaram um manifesto contra a emenda apresentada neste mês pelo deputado Danilo Forte (União-CE) à medida provisória 1.154, dizendo que ela pode prejudicar a independência das agências, o parlamentar reagiu.

BULA Nas redes sociais, nesta semana, Forte citou reportagem sobre o caso dos irmãos e disse que as agências precisam de supervisão externa. “É contra este tipo de abuso que lutamos”, disse ele, em referência ao caso, que vem gerando questionamentos sobre possível conflito de interesse nas decisões da agência.

RECEITA A emenda de Forte propõe conselhos vinculados aos ministérios para deliberar sobre as atividades normativas junto às agências.

com Paulo Ricardo Martins e Diego Felix

ALTA TENSÃO Após dois meses em queda, o consumo de energia no país começou o ano com estabilidade, segundo o levantamento que será divulgado pela CCEE (câmara de comercialização de energia) na próxima semana. O volume consumido no mês passado foi de quase 67 mil megawatts, patamar semelhante ao de janeiro do ano passado.

CHOQUE O cenário é atribuído, sobretudo, à demanda da indústria e de grandes empresas, segundo a entidade. Como resultado, o consumo no mercado livre, que concentra essas companhias e não precisa de distribuidoras, cresceu 1,8%. Já o mercado regulado teve queda de 1%, diz a CCEE.

CONDUÍTE Entre os setores da indústria, o maior avanço em janeiro foi na extração de minerais metálicos, com alta de 10% em relação a 2022.

BUZINA O TCU (Tribunal de Contas da União) revogou nesta semana uma medida cautelar que travava a abertura do mercado de transportes rodoviários. A questão atingia diretamente empresas que operam por app, como a Buser. Agora, a ANTT está autorizada a conceder novas linhas de ônibus interestaduais.

ESTRADA Com o fim da medida, a agência poderá liberar novas linhas, desde que as empresas estejam dentro dos padrões exigidos. A disputa entre empresas tradicionais do setor e companhias por app teve início na virada do governo Bolsonaro, quando a ANTT desengavetou mais de 2.000 pedidos de companhias interessadas em explorar novas linhas de ônibus.

BAGAGEM A Amobitec, associação que representa Buser e Flixbus, comemorou. Em nota, a entidade disse que o setor ainda é muito fechado “e com muitos obstáculos para a adoção de novos modelos”.

BANDEIRAS No ranking dos turistas estrangeiros que vão usar o Airbnb para se hospedar no Brasil durante o Carnaval, a maior parte vem dos EUA, da Argentina e da França. Na sequência, aparecem viajantes de países como Chile, Reino Unido e Alemanha, de acordo com a plataforma.

CIFRAS & GOLPES

Série da Netflix sobre Bernie Madoff investe na história errada

Encenações constrangedoras e psicologia barata afundam documentário sobre maior esquema de pirâmide da história

CRÍTICA

Fernanda Perrin

SÃO PAULO O que Bernie Madoff fez com suas vítimas foi um golpe. O que faz a série documental da Netflix sobre sua história é, no mínimo, um investimento ruim.

O maior esquema de pirâmide de que se tem registro na história, operado por uma das figuras mais respeitadas de Wall Street, é, realmente, impressionante —tão impressionante que já foi contado diversas vezes (“O Mago das Mentiras”, “Madoff” e “Chasing Madoff”, para citar apenas os primeiros resultados de pesquisa do IMDb).

Para tentar se destacar na multidão, a aposta do diretor Joe Berlinger, que tem no currículo obras sobre assassinos, é retratar Madoff como uma espécie de serial killer financeiro, “o monstro de Wall Street”, como titulou sua obra originalmente.

Assim, no primeiro episódio, somos apresentados à história de origem desse vilão, não muito mais complexa do que as contadas pela Marvel: um menino ambicioso e inteligente nascido em uma família de vida financeira instável, chefiada por um pai fracassado.

Munido dessa profunda leitura psicológica, Berlinger conduz os três capítulos seguintes da história. São incontáveis as vezes em que algum dos entrevistados caracteriza Madoff como um sociopata ou alguma variação disso.

Mas caso você, espectador, ainda assim não tenha conseguido entender a tese, encenações em câmera lenta de um Madoff fumando charutos (um retrato inédito de um figurão de Wall Street) ou encarando a câmera com um sorriso maroto são repetidas, de novo e de novo.

É um artifício que talvez funcione bem em dramatizações de assassinato, mas não tanto para falsificação de extratos de investimentos bancários em impressoras matriciais dos anos 1980.

Mesmo alguns dos acertos do documentário acabam sendo erros. As fontes ouvidas, como Diana B. Henriques, autora do livro “O Mago das Mentiras”, e Harry Markopolos, que tentou denunciar Madoff por anos, são excelentes.



O ator Joseph Scotton no papel de Bernie Madoff | Netflix/Divulgação



Bernie Madoff: O Golpista de Wall Street ★★★★★ (Madoff: The Monster of Wall Street) EUA, 2023. Direção de Joe Berlinger. Com Elijah George, Joseph Scotto, Donna Pastorello e Sarah Kuklis. Série em quatro episódios, disponível na Netflix

Tão boas que já inspiraram um filme da HBO e um documentário próprio, respectivamente.

Os trechos dos depoimentos de Madoff após ser preso também são um ponto positivo da série, mas são tão pouco utilizados (em comparação aos do ator de peruca fumando charuto) que parece um desperdício de material.

Para quem não conhece a história de Madoff e nunca teve contato com nada produzido sobre ela, parte desses problemas até vira um trunfo: a série é realmente didática —apesar de um esquema de pirâmide não ter um funcionamento tão complicado assim— e consegue não ser enfiada no ao explicar os meandros do mercado financeiro.

A falha realmente imperdoável do documentário é perceber que ele errou a história a ser contada. Superada toda a psicologia barata, Berlinger chega ao ponto quando trata da responsabilidade das agências reguladoras, das demais instituições financeiras e da própria dinâmica de Wall Street para que Madoff conseguisse chegar aonde chegou.

Quando a série finalmente começa a abordar esse sistema, deixando um pouco de lado o vilão cartunesco, você percebe a oportunidade perdida por Berlinger. Ele investiu na narrativa errada.

Como Madoff conseguiu

operar por tantos anos? Como a SEC (a Comissão de Valores Mobiliários americana) chegou tão perto de pegá-lo, mais de uma vez, e ainda assim deixou-o escapar? Como uma conta bancária que sustentou uma pirâmide de mais de US\$60 bilhões não chamou a atenção do JPMorgan? Por que a legislação permite que parte das vítimas da fraude sejam, elas próprias, as responsáveis por restituir a outra parte?

São perguntas difíceis que o documentário faz, mas responde mal. Fosse esse o enfoque desde o início, o resultado poderia ser diferente. E relevante.

Por mais que a história de Madoff em si impressione, ela não é única. Desde sua derrocada, em 2008, pego pela crise financeira mundial, os escândalos envolvendo fraudes bilionárias se avolumam.

No Brasil, por exemplo, os R\$ 20 bilhões em “inconsistências contábeis” da Americanas são o tema da vez. As respostas para entender como foi possível que uma das maiores varejistas do país, supostamente fiscalizada por todos os “guardiões do mercado”, chegasse a esse ponto não devem estar tão longe das mesmas que explicam Madoff.

Pelo menos os perdedores sabemos o que elas têm em comum: o pequeno investidor.

Obra mostra caminhos de sucesso para gestor público à direita e à esquerda

VIDA PÚBLICA

SÃO PAULO Como gestores públicos encaram o desafio de implementar mudanças não só com planejamento mas com capacidade de colocar em prática a sua estratégia?

É o que o professor Robson Leite, mestre em administração, gestão e estratégia pública, procura analisar no livro “Estratégia e Liderança em Tempos de Profundas Mudanças: o Caminho do Sucesso na Organização Pública”, lançado pela editora Dialética.

A iniciativa da obra surgiu a partir da tese de mestrado apresentada por Leite na Universidade Federal Rural do



Estratégia e Liderança em Tempos de Profundas Mudanças Robson Leite, ed. Dialética (384 págs.), R\$ 85,90 (no site da editora) e R\$ 24,90 (ebook)

Rio de Janeiro, premiada em 2019 pela Sociedade Brasileira de Administração Pública.

Servidor concursado da Petrobras e ex-deputado estadual pelo PT no Rio de Janeiro, Leite avalia a atuação do gestor no serviço público a partir de sua experiência e também com relatos de dez gestores do funcionalismo, que têm visões ideológicas distintas.

Entre os gestores ouvidos estão Tarso Genro (PT), que foi governador do Rio Grande do Sul, duas vezes prefeito de Porto Alegre e comandou ministérios nos dois primeiros mandatos de Lula; Jandira Feghali (PC do B), com pas-

sagens por secretarias de Niterói e do estado do Rio de Janeiro; e Arolde de Oliveira, que foi senador aliado do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) antes de morrer, em 2020.

O livro deixa claro que o diálogo é essencial na manutenção da estratégia elaborada pelo gestor, independentemente de ele ser de esquerda ou de direita. “É óbvio que o conteúdo da estratégia tem um forte componente ideológico na organização pública. Para onde você vai é a pergunta que você faz. Agora, como vai, como planeja a ida, não tem a ver com a identidade ideológica”, diz o autor. Emerson Vicente

A HORA DO CAFÉ | Fabiane Langona

